



Fig. 2 – A implosão da Mentira.

2. A Implosão da Mentira

A Implosão da Mentira
(Affonso Romano de Sant' Anna)

Fragmento 1

Mentiram-me. Mentiram-me ontem
e hoje mentem novamente. Mentem
de corpo e alma, completamente.
E mentem de maneira tão pungente
que acho que mentem sinceramente.

Mentem, sobretudo, impune/mente.
Não mentem tristes. Alegrementem
mentem. Mentem tão nacional/mente
que acham que mentindo história afora
vão enganar a morte eterna/mente.

Mentem. Mentem e calam. Mas suas frases
falam. E desfilam de tal modo nuas
que mesmo um cego pode ver
a verdade em trapos pelas ruas.

Sei que a verdade é difícil
e para alguns é cara e escura.
Mas não se chega à verdade
pela mentira, nem à democracia
pela ditadura.

Fragmento 2

Evidente/mente a crer
nos que me mentem
uma flor nasceu em Hiroshima
e em Auschwitz havia um circo
permanente.

Mentem. Mentem caricatural-
mente.
Mentem como a careca
mente ao pente,
mentem como a dentadura
mente ao dente,
mentem como a carroça
à besta em frente,
mentem como a doença
ao doente,

mentem clara/mente
 como o espelho transparente.
 Mentem deslavada/mente,
 como nenhuma lavadeira mente
 ao ver a nódoa sobre o linho.Mentem
 com a cara limpa e nas mãos
 o sangue quente.Mentem
 ardente/mente como um doente
 em seus instantes de febre.Mentem
 fabulosa/mente como o caçador que quer passar
 gato por lebre.E nessa trilha de mentiras
 a caça é que caça o caçador
 com a armadilha.
 E assim cada qual
 mente industrial? mente,
 mente partidária? mente,
 mente incivil? mente,
 mente tropical?mente,
 mente incontinente?mente,
 mente hereditária?mente,
 mente, mente, mente.
 E de tanto mentir tão brava/mente
 constroem um país
 de mentira -diária/mente.

Fragmento 3

Mentem no passado. E no presente
 passam a mentira a limpo. E no futuro
 mentem novamente.
 Mentem fazendo o sol girar
 em torno à terra medieval/mente.
 Por isto, desta vez, não é Galileu
 quem mente.
 mas o tribunal que o julga
 herege/mente.
 Mentem como se Colombo partindo
 do Ocidente para o Oriente
 pudesse descobrir de mentira
 um continente.

Mentem desde Cabral, em calmaria,
 viajando pelo avesso, iludindo a corrente
 em curso, transformando a história do país
 num acidente de percurso.

Fragmento 4

Tanta mentira assim industriada
 me faz partir para o deserto
 penitentemente, ou me exilar
 com Mozart musicalmente em harpas
 e oboés, como um solista vegetal
 que absorve a vida indiferente.

Penso nos animais que nunca mentem.
 mesmo se têm um caçador à sua frente.
 Penso nos pássaros
 cuja verdade do canto nos toca
 matinalmente.
 Penso nas flores

cuja verdade das cores escorre no mel
 silvestremente.

Penso no sol que morre diariamente
 jorrando luz, embora
 tenha a noite pela frente.

Fragmento 5

Página branca onde escrevo. Único espaço
 de verdade que me resta. Onde transcrevo
 o arroubo, a esperança, e onde tarde
 ou cedo deposito meu espanto e medo.
 Para tanta mentira só mesmo um poema
 explosivo-conotativo
 onde o advérbio e o adjetivo não mentem
 ao substantivo
 e a rima rebenta a frase
 numa explosão da verdade.

E a mentira repulsiva
 se não explode pra fora
 pra dentro explode
 implosiva.

Affonso Romano de Sant' Anna

2.1 Análise

O poema não detém o tempo:
o contradiz e o transfigura
Octavio Paz

Ecoando Octavio Paz me pergunto:

O que são poemas?

O que dizem os poemas?

“O poema é um objeto feito da linguagem, dos ritmos, das crenças e das obsessões deste ou daquele poeta, desta ou daquela sociedade. É o produto de uma história”.¹ E é ao mesmo tempo a subversão e a contrariedade da história, acrescenta Hugo Friedrich.²

Affonso Romano de Sant’Anna³ em “*A Implosão da Mentira*” perfaz um caminho histórico-literário do mundo e da humanidade, onde parece que tudo se transformou, menos o poema, em si, como anomalia lingüística, como categoria da verdade, caminho esse que arrebatava o poeta como seu detentor.

O poeta é aquele que mantém tal inquietação que passa a ser o ponto de interseção entre a poesia e os mortais.

A poesia é aquela que paira levitando sobre um bando de cegos, como nos afirma a poeta Gilka Machado⁴. Porque a poesia está e não está aqui entre nós, ela transcende, já que o poeta trabalha de tal forma a palavra para produzir sentido como se fosse um músico a produzir sua sinfonia. Ele é um ser eleito “quase divino”, como nos diz o filósofo Aristóteles⁵. Ele é capaz de traduzir e antecipar para os homens, o imprevisível que capta do etéreo. E como incansável e inesgotável produtor da beleza, navega entre a lírica e a realidade, transfigura e plurissignifica a criação artística, na explosão da poesia como proclamação da verdade, enquanto materialização da total liberdade do dizer ilimitado.

No poema “*A Implosão da Mentira*”, forma e conteúdo estabelecem uma correspondência: o paradoxo formal se liga ao paradoxo instalado no mundo, à transformação recorrente da língua expressa em inúmeras imagens literárias, cruzam-se os desvios criativos da linguagem e os desvios dos discursos histórico-sociais. A mutação da aparência e de sua lógica construída espelha a subversão

das informações, dos equívocos históricos, transformados pelo efeito de choque inserido no poema, trabalhado pela ironia e outras formas de contradição, de onde submerge e transparece a mentira – palavra-chave do poema construído, alicerçado em cima do verbo mentir, que substantivado titula o poema em permanente e potente estado de explosão.

“*A Implosão da Mentira*” é construído em cinco fragmentos em interface com a subversão contemporânea que, multiforme se reveste de versos livres com ritmo e sonoridade de grande efeito musical e rítmico, com rimas externas e internas; consoantes e tonantes; pobres e ricas; agudas, graves e esdrúxulas; emparelhadas e interpoladas.⁶

No terreno das idéias, o poema fala do descompasso do mundo, focalizando o Brasil histórico, desde a sua descoberta até nossos dias, e como força-motriz, acentua e flagra a perversão humana. Numa sintaxe própria, brinca com as palavras, desloca termos, usa e abusa do verbo e do advérbio para reforçar o jogo da significação do adjetivo e do substantivo, na força da denúncia pungente, capaz de iluminar caminhos e flagrar desvios de percurso, com a sustentação da “verdade” geográfica (cf. fragmento 3) que serve de apoio e justificativa para a ensejada manobra do deslocamento ilusório na afirmação de um país descoberto ao acaso, por razões climáticas, através de correntes e ventos controversos, que simulam um descobrimento às cegas, apesar da eficiente e celebrada Escola de Sagres.

No Fragmento 1, já se apresenta a força verbal de mentir, verbo substantivado que nomeia a poesia e se flexiona no passado e no presente do ontem, do hoje que passa ao amanhã pela expressão: *mentindo história afora* (4^o verso, 2^a estrofe). Neste fragmento, o autor trabalha com as sugestivas figuras de antíteses, ironias, paradoxos e personificações de verdades que desfilam de tal modo nuas, no paradoxo poético que fazem um cego poder ver tais verdades em trapos pela ruas.

No fragmento 2, assiste-se ao nascimento da flor análoga à poesia redentora, que desinstala e desarma a bomba de Hiroshima. Após este inusitado deslocamento, seguem-se oito versos construídos com humor tecido entre substantivos e adjetivos que se revestem com os acréscimos sufixais de palavras que vão do dente à dentadura, até a ambígua figura da besta à frente da carroça, ambas devidamente personificadas. Logo adiante, há a armadilha da inversão ideológica que caça o caçador, que caça o produtor da mentira engendrada, da

trapaça que pretende passar gato por lebre, não fosse a atenção do poeta em vigília, pronto para denunciar os que mentem, os que fabricam ardilosas mentiras pulverizadas e operacionalizadas pelos setores industriais, entre outros: (...) “*E assim cada qual mente industrial? Mente*”,

O autor pressiona o industrial, colocando-o emparedado entre os dois verbos e com o auxílio da pontuação e ao mesmo tempo a ausência dela, forja uma pergunta aos prisioneiros substantivo/adjetivo. O verbo que se repete na frase, fica posicionado após a interrogação (ou interrogatório?) como a responder a indagação feita por ele próprio deslocado, reafirmando que sim – ele mente. Neste truque de alinhamento frasal, o poeta cria um recurso bem elaborado e o desdobra nos cinco versos seguintes, como a trapacear a norma que domina as palavras.

Fica, então, claro neste fragmento que o poeta fala da história sem rodeios e expressa a dupla trapaça com irônica observação, angustiado pelo sentimento contrariado da bomba furtivamente jogada, quando se transforma em estrondo e nada mais parece estar no lugar certo, nem no léxico, nem na ordenação gramatical, nem nas idéias, nem no país de mentira que teimam em construir.

No fragmento 3, o poeta dialoga com a história que se faz às avessas, entre o que aconteceu e o “imparcial” julgamento do Tribunal do Santo Ofício. Desse modo, flagra Galileu, Colombo e Cabral na má interpretação dos equívocos da história. Quando cabe, então, ao poeta-historiador, valendo-se da ficção, pontuar corretamente e conduzir o processo da verdade histórica, atuando na verificação das estruturas de seu discurso, tantas vezes, enganoso. Neste fragmento o autor a seu modo singular nos revela que os poderosos mentem em todos os tempos, em todas as épocas, sob e sobre o sol, sobre a terra, no Santo Ofício, sobre Colombo e Cabral, deturpando a história universal. Isso sem falar na mentira nacional, provavelmente a mentira consolidada, mais pueril e deslavada da nossa história.

No fragmento 4, diante de tanta mentira regimentada e industriada, o poeta chega a pensar em fuga o que não acontece, pois ele reencontra o lirismo e contrasta o impuro com a pureza do canto dos pássaros, pensa no sol e na flor, e uma vez mais se sobrepõe o poético, mesmo quando tropeça na impetuosidade do sol, que se mostra frágil porque morre todos os dias, assim como o poeta enfrenta a batalha de uma noite sem fim a desafiá-lo – o que nos conduz a um acerto intertextual entre Sant’Anna e Chaplin que num aforismo expressa sua angústia

àqueles que por não terem seus esforços reconhecidos pelos demais, se desesperam. E a estes argumenta que façam como o sol que toda manhã proporciona um belo espetáculo, enquanto a maioria dorme.⁷ Contradição existencial que se entrelaça à emoção do poeta que diz:

(...) “Penso no sol que morre diariamente
jorrando luz, embora
tenha a noite pela frente”(…)

No fragmento 5, o poeta depara-se com a página em branco e percebe que a ele cabe, como missão, superar o vazio da página e dar vida ao vazio da própria vida, romper o silêncio, instaurar a ousadia, o roubo, reimplantar a esperança. Ao fazer uso do recurso metalinguístico, mostra como articulou a relação gramatical entre o verbo, que contém o (ad)vérbio, com o adjetivo e o substantivo. Colou e descolou adjetivo/advérbio ao sinalizar com o signo gráfico da barra que instala a ruptura, a mentira: enquanto na ausência deste, brotava a verdade, a não-mentira ou a ausência de conflito.⁸ Assim expõe o poeta a decomposição da montagem do poema em tom da emoção casual quando diz: (...) “Para tanta mentira só mesmo um poema” (...) e estabelece mais um elo intertextual e nada casual com Drummond, quando a ele só restava dançar a valsa vienense.⁹ Como também a ele, o poeta, maestro das palavras, ilusionista do Bem, semeador da verdade.¹⁰

Concluindo esta breve análise, alçamos o poeta que nos mostrou um conceito de verdade ritmando o outro lado da moeda: a mentira

Aí nos perguntamos:

O que é mentira?

Talvez a negação da verdade, usada para esconder o que não pode ser dito, o que não pode ser revelado, sem que se assumam no espaço público os prejuízos dos estragos produzidos por uma atitude inconseqüente, gerada pela ostentação do poder absoluto.

Só o ilusionista textual, sabe falar do avesso, sem mentir, sem arranhar sequer a dignidade do interdito, do proibido na implosão armazenada que um dia transbordará em pura verdade. Do renascer da verdade daquele que a carrega como estandarte, como missão.

O poeta, malabarista das palavras jogou fora tantas outras na difícil escolha.

Repicou o verbo no plural com o berro ritmado pelo rufar do atabaque e do tambor, rosnando em pajelança, em choro dorido africano (primordial), no grito do índio, primata, hoje contido/incontido na denúncia da nódoa da história.

O poeta não mente quando conta o episódio recente sem passar pelo laboratório científico da história, porque o laboratório somos todos nós, estávamos aqui e nossos filhos que eram tecidos, ouviram nossas histórias, nossos testemunhos do fato.

Copiosamente o poeta chora e cada lágrima cristaliza a mentira política impiedosa do ontem, hoje e amanhã.

Contudo, nos pede o poeta: não desacreditem na palavra, mas no jogo político que fazem dela e de sua fantasia mal costurada, maltrapilha, desgastada nas dobras do tempo. E, ainda, nos sugere ao pensar no tamanho do estrago, crer na flor que nasceu em Hiroshima. Essa flor é que é linda, nos diria Pessoa. Mas dela não falam os jornalistas, os sociólogos, os antropólogos, nem os historiadores. Dela, só falam os poetas porque só eles, dela, sabem falar, “eternamente”.

O que mais indigna o poeta, neste poema, é o país forjado de mentiras, em que ele tanto acreditou e hoje se esforça para acreditar. Porque a bomba que destruiu outros corpos e estilhaçou a sua alma continua a fazer vítimas diárias nos engodos governamentais.

Pois, acreditem: Há presidentes com as mãos sujas de pólvora que “nacional/mente” confirmam não conhecer a pólvora.

“Mentem, mentem, mentem” a história e a ficção, claramente em parceria no poema que vem da terra medieval, desde a esquadra de Cabral desviando o rumo, criando um atalho entre Ocidente e Oriente para entrar na História. Há muita história inventada, muita ficção transacionada. Por isso, mentem, redundantemente, todo o tempo história e ficção, que no poema não se opõem, se complementam. Pois há mentira com uniforme de verdade. Há verdade que insiste em se fantasiar. Assim passam-se os anos, no transcorrer cronológico do tempo, enquanto os espaços se misturam no limbo histórico, onde se constroem fatos e monumentos, e muitos deles se transformam em documentos do futuro no arfar do passado no presente.

Ainda há sol, luz, poesia, na eterna cotovia que cada manhã teima em renascer, aliviando nossa consciência no pão nosso de cada dia.

No fragmento 5 desta poesia histórica, resta ao poeta a folha em branco, ponto de encontro de angústias e definições, e ele, já sem saber mentir desagrada Copérnico, mas não abandona Galileu. Ao perceber que lhe resta também o espanto de nesse branco espaço de tensão reencontrar Drummond no pré-texto da dança da Valsa Vienense que brota e contamina o poema explosivo-conotativo e funda em novo tempo, um novo gênesis, também caótico no entrelaçamento da imaginação e do sonho, da sabedoria e da razão. Nasce múltiplo e redentor da emoção perdida nas galhardias e falsidades da razão que a tudo justifica ou logra definitivamente, menos à poesia desconcertante, irreverente e impermeável a certos tipos institucionais da mentira.

Notas

1. OCTAVIO PAZ, 1974, p. 11.
2. HUGO FRIEDRICH, 1991, p.18.
3. Romano de Sant'Anna – autor da poesia analisada é um dos maiores poetas brasileiros, ensaísta, cronista, doutor em literatura e crítico reconhecido internacionalmente.
4. GILKA MACHADO, 1991, p. 405.
5. ARISTÓTELES, 2005, p 48, 50, 57 e 65.
6. GOLDSTEIN, 2005, p. 44 – 47.
7. CHAPLIN, www.citador.pt
8. O próprio autor retirou em ,última edição, o sinal gráfico que separava o sufixo dos termos: “penitentemente” e “musicalmente” no fragmento 4 por entender que a separação do sufixo é dispensável quando não há mentira. A mentira é que provoca a ruptura, o conflito.
9. DRUMMOND, 1971, p.141.
- 10 SANT'ANNA, “*A Implosão da Mentira*”, 2004, p.17.

Referências Bibliográficas

- ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. **A Poética Clássica**. Tradução de Jaime Bruna. Cultrix: São Paulo, 2005.
- DRUMMOND, Carlos Andrade de. **Seleta Em Prosa E Verso**. José Olympio: Rio de Janeiro, 1971.
- FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura Da Lírica Moderna (da metade do século xIx a meados do século xx)** Tradução de Marise Curione. Livraria Duas Cidades: São Paulo, 1991.
- GOLDSTEIN, Norma. **Versos, Sons, Ritmos**. Editora Ática: São Paulo, 2005.
- MACHADO, Gilka. **Poesias Completas**. Léo Christiano Editorial: FUNARJ: Rio de Janeiro, 1991.
- PAZ, Octavio. **Os Filhos do Barro: do romantismo à vanguarda**. Tradução de Olga Savary. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1984.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Poesias Reunidas**. Vol.2. LPM: Porto Alegre, 2004.